



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'Coração Andarilho', de Nélida Piñon]

Clara Rocha

Para citar este documento / To cite this document:

Clara Rocha, "[Recensão crítica a 'Coração Andarilho', de Nélida Piñon]", *Colóquio/Letras*, n.º 181, Set. 2012, p. 282-283.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

É importante que este livro tenha sido publicado em Portugal. Qualquer poeta brasileiro que já tenha sido editado fora do Brasil sabe o que isto significa — não apenas para ele, mas para a nossa literatura. Se tivéssemos um programa cultural sério (isto é: se os nossos governos tivessem capacidade de reconhecer o valor da alta cultura), este não seria um facto tão raro. Mas eles — assim como a TV, escrava da cultura/diversão concretizada pela música popular, pelo cinema, pela telenovela, pelo desporto, etc. — *têm medo da poesia*, completamente por isso banida dos projetos governamentais e da tela.

Este é o quarto grande livro de sonetos publicado no Brasil só em 2010. Os outros foram uma versão de Shakespeare (por Thereza Christina Motta), de Guilherme de Almeida (a reunião de todos os sonetos dispersos por sua vasta obra) e de Marcus Accioly (*Daguerreótipos*). Faço a observação apenas para alertar aqueles impotentes predadores que consideravam espécie morta a mais nobre forma lírica.

Pedro Lyra

FICÇÃO

Nélida Piñon

CORAÇÃO ANDARILHO

Lisboa, Temas e Debates/Círculo de Leitores / 2011

Como o sugestivo título deixa antever, de afetos e de viagens — físicas e sentimentais — é feita esta narrativa autobiográfica, que retoma mitos e motivos literários característicos do universo da autora para compor um retrato e uma odisseia pessoais indissociáveis de laços familiares e coletivos.

O 'eu' que narra e medita, longe de se fechar em si mesmo, revela as marcas for-

tes dum pertença de sangue, dum 'nós' que constitui a referência fundamental da sua memória afetiva e para o qual constantemente remetem, ao longo do texto, expressões como «tribo», «esfera tribal», «estirpe», «clã de imigrantes», «grei galega» ou mesmo «matilha».

«A memória começa onde se nasceu», escreve a narradora (p. 9), e é sobre a condição cumulativa da sua identidade que se interroga, ao evocar os vínculos familiares e culturais dessa identidade, as origens galegas dos ancestrais, os usos e os nomes, as tradições gastronómicas, o repertório de histórias, a infância vivida no bairro carioca de Vila Isabel e a estadia de dois anos na Galiza — nesse mágico lugar de Cotobade, «um concelho constituído de treze aldeias com nomes sonoros» (p. 56) —, tempo de crescimento e descoberta, de aprendizagem das línguas galega e castelhana, e de contacto com uma outra realidade geográfica e sazonal.

Nélida Piñon convoca a memória e a imaginação para questionar e dar forma literária a uma identidade assim determinada por coordenadas geográficas tão distantes e caldeada no cruzamento de duas culturas tão diversas. Evoca com emoção os entes queridos, o avô Daniel, a avó Amada, o pai Lino, a mãe Carmen («Eles foram os primeiros modelos com os quais exercitei a imaginação, confrontei experiências, desacordos», p. 162), os anos de formação, as leituras, os heróis ficcionais que alimentaram a sua fantasia juvenil, e retrata-se como um espírito desbordante, «aventureiro» como Simbad e «ávido» de vida e de conhecimento.

Recobrinando um arco temporal que vai desde a infância até à idade avançada, *Coração Andarilho* presentifica um 'eu' cuja coerência procede dessa incansável e «aguda curiosidade» (p.180), dessa «imaginação que ordena que viaje, saia de casa, visite o mundo» (p. 197). E, claro

está, duma vocação literária pressentida desde muito cedo.

A «avidez» intelectual e sensorial a que se refere a narradora traduz-se de diversas formas ao longo do texto autobiográfico. Uma delas é a presença obsidiana da comida, essa «notável fabricação humana» (p. 30), festa dos sentidos celebrada desde os tempos de infância, quando o avô Daniel a exigia farta e apurada nos almoços dominicais, como reforço da coesão familiar. São muitas as passagens em que Nélide Piñon evoca o ritual e o prazer da boa mesa, os pitéus associados ao calendário religioso (o Natal celebrado com o bacalhau e o polvo da tradição galega), as receitas caseiras, os momentos gastronômicos partilhados com os amigos. E também aquelas em que realça a importância da cozinha e da azáfama em torno do fogão, do frigorífico como «totem urbano» (p. 63) e do caderno de receitas herdado da mãe («um bem com significado simbólico, que alimentou a família», p. 169), e reflete sobre os traços de identidade contidos numa feijoada brasileira ou numa lata de goiabada.

Intimista, na medida em que a personagem central procura sondar o mais fundo (*intimus*) e recôndito do seu ser, mas também no modo como revela aspectos da vida privada e da esfera doméstica, *Coração Andarilho* é um relato autobiográfico multifacetado, por vezes repetitivo nos seus mitos e obsessões, emotivo e nostálgico, amassado de referências cultas e de cenas triviais, descritivo e reflexivo como um autorretrato, interrogativo («Talvez a criança Nélide, que fui, seja uma mera invenção, uma fábula imprecisa. Como alcançar o passado e atualizá-lo no empenho de trazê-lo à tona?», p. 23), contemplativo (em certas páginas sobre o envelhecimento e a passagem do tempo, a perda dos antigos, a memória, a delicadeza, a amizade), compósito no seu arranjo

(mesclando a ordem cronológica e a ordem temática, e acrescentando à narrativa retrospectiva e englobante que constitui a sua parte mais substancial alguns capítulos finais em regime de narração *au jour le jour*), com ocasionais fragilidades de escrita, mas sensível e desenvolto no exercício introspectivo e de autocompreensão que nos propõe.

Clara Rocha

ENSAIO

Lucia Helena
FICÇÕES DO DESASSOSSEGO
FRAGMENTOS DA SOLIDÃO
CONTEMPORÂNEA

Rio de Janeiro, Contra Capa / 2010

Em 1953 Oswald de Andrade (1890-1954) escreveu o seu último grande ensaio, *A Marcha das Utopias* — publicado primeiro n’*O Estado de São Paulo* e depois em livro (Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1966) —, em que faz considerações filosóficas e analíticas de grande alcance sobre a natureza e transformação dos conceitos de Humanismo e Utopia na tradição literária e intelectual do Ocidente. Fundamenta a exposição num trauma presente na origem da civilização, que surge de uma contradição fundamental entre o homem primitivo ou pré-civilizado, em condições de ócio e estado de Natureza, condição observada no paganismo greco-romano, e o homem civilizado burguês, criado pelas viagens de descobrimento e pelo Iluminismo. A crise inerente a esse conflito gera o ciclo de Utopias que, para Oswald, representa uma expressão de «inconfirmação e um prenúncio de revolta»¹. Nesse sentido o modernista paulistano cita Fernando Pessoa, figura quase desconhecida no Brasil naquela época: